Travessias
ISSN: 1982-5935

Direitos autorais distribuídos a partir da licença *Creative Commons* (CC BY-NC-SA - 4.0)

REPRESENTAÇÕES MARGINAIS NA ESCRITA DE JOÃO ANTÔNIO: DO MALANDRO AO MARGINAL

Rosselane Liz Giordani – rosselanegiordani76@gmail.com
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil;
https://orcid.org/0000-0002-5246-1955.

RESUMO: O termo marginal comporta nuances de significações que reverberaram nas teorias sociais para explicar os processos de marginalização e exclusão forjados pelo capitalismo na América Latina, bem como a noção também ecoa na crítica literária. Desse modo, a noção de marginalidade reveste-se de enredamentos que movem a acepção por dimensões estéticas, políticas e sociais. Numa abordagem estritamente artística, marginais são as produções que rompem com normas e paradigmas estéticos, afrontando o cânone literário. Mas é possível situá-la no deslizamento de sentido que irá se referir àqueles classificados de bandidos e delinquentes, que vivem à margem da lei, excluídos e marginalizados social, econômica e culturalmente. O presente estudo faz um recorte dentro da obra do escritor paulista João Antônio, observando a temática da marginalidade que se mostra por meio dos seus personagens marginais à sociedade e à literatura, pois João Antônio vai narrar a história do submundo, daquele que é invisibilizado. O recorte deste estudo privilegia narrativas do contista que, entre as décadas de 1960 e 1980, produziu obras em que os marginalizados entram definitivamente nas páginas de nossa literatura como verdadeiros protagonistas. Para problematizar a questão da marginalidade na obra de João Antônio iremos analisar dois contos: *"Malagueta, Perus e Bacanaço",* que integra a coletânea de mesmo nome, primeiro livro publicado por João Antônio, em 1963, ganhador de vários prêmios, inclusive o Jabuti; e o conto "*Paulinho Perna Torta"*, do livro Leão de Chácara (1975).

PALAVRAS-CHAVE: Marginalidade; malandragem; literatura marginal; João Antônio.

1 INTRODUÇÃO

Para discutirmos a noção de marginalidade associada à literatura é possível estabelecermos conexão com as discussões sobre marginalidade e periferia e a relação entre criação literária e realidade social a partir da perspectiva de teorias sociais, como também da crítica literária que analisou de que modo essa noção se imbricou à formação de um gênero que viria a ser chamado de literatura marginal ou periférica.

Por um lado, podemos compreender a noção do ponto de vista estritamente artístico, no qual marginais são as produções artísticas que afrontam o cânone literário e por sua vez rompem normas e paradigmas estéticos vigentes; assim como na história da literatura brasileira, o termo tem também uma aplicação específica se referindo ao movimento da década de 1970 do século XX, contrário às formas comerciais de produção e circulação da literatura, conforme o circuito estabelecido pelas grandes editoras, bem como uma nova forma de representar o mundo que remete mais ao uso da linguagem e aos significados textualmente construídos. O termo marginal não é, portanto, unívoco e reveste-se de complexidades que se desdobram em dimensões estéticas, políticas e sociais. Um outro sentido possível

lança o olhar não para a figura de quem produz a escrita, mas para a representação da marginalidade por meio daqueles categorizados como bandidos e delinquentes, que vivem à margem da lei, ao lado de toda uma classe de desfavorecidos, excluídos e marginalizados social, econômica e culturalmente.

Nosso olhar se volta para este aspecto com o objetivo de observar a questão da marginalidade que foi a temática central da obra do escritor paulista João Antônio. O presente estudo faz um recorte dentro da sua escrita, observando a temática da marginalidade, que se mostra por meio dos seus personagens. O recorte deste estudo privilegia as narrativas do contista que, entre as décadas de 1960 e 1980, produziu obras em que os marginalizados entram definitivamente nas páginas de nossa literatura como verdadeiros protagonistas. O contista afirmava que seus temas, sua linguagem e histórias se lastreiam no seio de uma massa de esquecidos, espezinhados e feios, de merdunchos[1], expressão que criou para designar seus personagens. Suas narrativas estavam ambientadas no espaço das periferias de grandes cidades, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro, de modo que suas personagens, na quase totalidade, representam indivíduos que estão à margem do processo social, portanto excluídos dos possíveis benefícios advindos do progresso econômico, vivendo através de ocupações e expedientes ilegais como jogo, furto, prostituição, tráfico e outras práticas que caracterizam a marginalidade.

Pela tônica das suas narrativas da marginalidade, João Antônio foi considerado pela crítica como o escritor do submundo, descarnando a realidade das ruas. Ao construir representações de personagens oriundos da marginalidade, o escritor-jornalista traz à tona uma representação de uma identidade brasileira da perspectiva daqueles que além de não se encaixarem aos padrões vigentes e aceitos socialmente e culturalmente, também transitam na periferia da hierarquia social. Em outras palavras o marginal é aquele que pela situação econômica, social e cultural é relegado a uma condição de exclusão, e João Antônio volta nosso olhar para esses indivíduos, para suas subjetividades e propõe uma representação de uma identidade marginal interessada em compreender e interpretar a periferia pobre da classe trabalhadora e dos desempregados, e a realidade urbana do Brasil a época.

Para problematizar a questão da marginalidade na obra de João Antônio iremos analisar dois contos: *"Malagueta, Perus e Bacanaço",* que integra a coletânea de mesmo nome, primeiro livro publicado por João Antônio, em 1963, ganhador de vários prêmios, inclusive o Jabuti; e o conto "*Paulinho Perna Torta"*, do livro Leão de Chácara (1975). Antes de passarmos a análise dos contos é preciso antes nos determos em reflexões que discutem o termo marginalidade sob o viés da teoria social e sua reverberação

[1] "Merduncho", na própria classificação de João Antônio: "Essa gente ganha um poder dramático, a partir de sua figura física da magreza, da palidez, do envelhecimento precoce. Entende? Não são bem os bandidos, não são bem os marginais, são bem uns pés-de-chinelo, o pé-rapado, o zé-mané, o eira-sem-beira,o merduncho – aqui no Rio, se usa esta expressão merduncho. Quer dizer, é um depreciativo quase afetivo de um merda, merda-merda; então, em vez de um bosta-bosta, o cara diz – 'é um merduncho'" (ANTÔNIO, 1976, p. 55). Ainda: "tipo que fica muito próximo do marginal, que é o lúmpen, o cara marginalizado mesmo" (ANTÔNIO, 1976, p. 53).

na crítica literária brasileira objetivo do próximo tópico.

2 MARGINALIDADE EM TRÂNSITO

A partir de uma clivagem do ponto de vista das teorias sociais sobre marginalidade social parece ser consensual apontar que os primeiros estudos sob viés socioantropológico foram realizados por pesquisadores da Escola de Chicago nos anos 1920, com o propósito de investigar a integração dos imigrantes na sociedade norte-americana. O conceito "homem marginal" passou a descrever o tipo de indivíduo produzido pelo antagonismo entre a cultural de origem e a cultura da qual passava a fazer parte.

No artigo "*A migração humana e o homem marginal,*" Robert Park (1928)[2] discute o surgimento do 'homem marginal' frente aos processos de migração. Neste estudo ele aponta que uma das consequências da migração é criar uma situação em que o mesmo indivíduo - que pode ou não ter um sangue misto - se encontra lutando para viver em dois grupos culturais diversos. "O efeito é produzir um caráter instável - um tipo de personalidade com formas características de comportamento: este é o homem marginal. "É na mente do homem marginal que as culturas conflitantes se encontram e se fundem" (PARK, 2017, p.114). Park vai analisar então o 'surgimento' do homem marginal frente ao processo de encontro/choque de culturas. A marginalidade seria então esse lugar de deslocamento, de instabilidade.

Nesse sentido, é preciso contextualizar ainda que os estudos sobre marginalidade e pobreza envolvem discussões acerca da configuração e do enfrentamento de fraturas sociais, vinculadas ao processo de reestruturação produtiva capitalista, em diversas dimensões, sendo que a partir de meados dos anos 1970, a questão social adquiriu outras expressões. A crise da sociedade salarial e a ampliação do desemprego estrutural no esgotamento da chamada era de ouro do Pós-segunda Guerra Mundial fizeram emergir o que foi denominada uma nova pobreza (CASTEL, 2008). Esta é resultante das transformações na economia política do capitalismo com desdobramentos nos processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geopolíticas, poderes e práticas dos estados nacionais (HARVEY, 2009).

Na América Latina, a preocupação com a marginalidade urbana desenvolveu-se depois da Segunda Guerra Mundial quando núcleos de populações (no Brasil chamados de favelas), vivendo em condições precárias e geralmente ocupando solos ilegalmente, começaram a aparecer na periferia da maior parte das grandes cidades. Discussões essas que ganharam força, dentro da teoria marxista, nas décadas de 60 e 70 nas análises a respeito do capitalismo latino-americano. Aqui encontramos um ponto de intersecção com aquilo que o peruano Aníbal Quijano discute a partir do conceito de "marginalidade

[2] O uso do termo "marginal" precedeu o estudo da marginalidade na América Latina e parece ter sua origem no artigo "Human Migration and the Marginal Man" de Robert Park publicado em 1928. Em seu estudo ele propõe que o "homem marginal" seria um indivíduo que se supunha viver na margem de duas culturas como aplicado, por exemplo, a imigrantes nos Estados Unidos.

urbana" no início da década de 1970, no âmbito de um amplo debate das ciências sociais e da história cultural urbana na América Latina, buscando entender e analisar as formas peculiares da urbanização no subcontinente. Para ele a condição da marginalidade tem a ver com o fato de se pertencer ao mesmo tempo a vários mundos culturais, sem se estar incorporado plenamente a nenhum deles em particular, ou seja, o fato de se habitar uma zona cultural situada tanto dentro como fora das culturas em conflito. Para o sociólogo peruano

> [...] a marginalidade social consistiria em um modo limitado e inconsistentemente estruturado de pertencimento e de participação na estrutura geral da sociedade, seja a respeito de certas áreas dentro de suas estruturas dominantes ou básicas, seja a respeito do conjunto destas, em todos ou em parte de seus setores institucionais (QUIJANO, 1978, p. 43).

Assim, as primeiras interpretações acerca da pobreza urbana presentes nos estudos sobre marginalidade convergiram nas críticas às fraturas sociais resultantes do capitalismo contemporâneo, como o faz Aníbal Quijano (1978), que ampliou a discussão da tese de massa marginal ao problematizar a realidade crescente no tecido social urbano. Já o sociólogo brasileiro Roberto DaMatta (1997) afirmará que, em nossa sociedade, os pobres e marginalizados são indivíduos, e não pessoas: eles constituem a massa que, deslocada de seus ambientes de origem, sem representação alguma, está sujeita às leis do mercado e do Estado. O que estamos habituados a ler nos jornais é o que o antropólogo chama de processo de individualização, quer dizer: na imprensa, em geral, suburbanos, favelados e pobres são tratados como estatística. "Essa é a mais profunda experiência de exploração em sociedades semitradicionais, como é o caso da sociedade brasileira: a de ser tratado como um número ou um dado global de uma massa" (DAMATTA, 1997, p. 242). Nesse viés os processos de exclusão e marginalização forjados pelo capitalismo provocam também a invisibilidade de grupos periféricos renegando sua identidade, homegeinizando como uma massa amorfa de excluídos que vivem à sombra.

Na literatura a questão da marginalidade também teve eco. O pesquisador português Arnaldo Saraiva (1975, 1980) ao trabalhar especificamente com este assunto vai dizer que a literatura marginal (ou, no seu plural, literaturas marginais) é uma expressão que comporta duas definições possíveis. A primeira, em um sentido topográfico, indica uma produção literária fora das fronteiras centrais de uma produção acadêmica consagrada, ou seja, à margem de um eixo centralizador. E a segunda, de sentido social, moral, jurídico, ético e psicológico, referencia-se a todo um conjunto de obras e autores situados à margem de leis, normas e regras. De fato, a expressão comporta uma gama dilatada de aplicação que atravessa e se transforma em épocas e contextos diferentes.

No Brasil, o interesse da literatura pela questão da marginalidade e a emergência da 'sociedade de rua' cresceu a partir dos escritores dos anos de 1960, e fez surgir uma literatura com interesse pela representação do morador de rua, da favela, do subúrbio, do urbano como espaço de conflito, e ainda

do debate em torno dos excluídos daquilo que viria ser compreendido como cidadania. Por este viés, a marginalidade revela-se como uma forma de resistência, leitura que aparecerá na análise que Regina Zilberman (1986) faz dos contos do escritor João Antônio. Ela dirá que de uma ponta a outra, se constata em suas obras a presença de protagonistas ligados a um tipo de vida que não se fixa em parte alguma, seres ambulantes que revelam a condição de desenraizamento social, de quebra das convenções e incapacidade de adaptação a um padrão consolidado de vida vigente na sociedade. Desses 'seres ambulantes' a própria noção de marginalidade irá se metamorfosear dentro da obra de João Antônio. No seu primeiro livro *Malagueta, Perus e Bacanaço (*1963) para o livro *Leão de Chácara* (1975), onde foi publicado o conto "Paulinho Perna Torta*"*, é possível perceber a transição do que Antônio Cândido chamou de "dialética da malandragem[3]" para a dialética da marginalidade como mais tarde foi problematizado por Rocha (2006) eu vai dizer que a "dialética da marginalidade" pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais. Não se trata mais de conciliar diferenças, mas de evidenciá-las, recusando-se a improvável promessa de meio-termo entre o pequeno círculo dos donos do poder e o crescente universo dos excluídos.

> Assim sendo, enquanto a "dialética da malandragem" representa o modo jovial de lidar com as desigualdades sociais, como também com a vida cotidiana, a "dialética da marginalidade", ao contrário, apresenta-se através da exploração e da exacerbação da violência, vista como um modo de repudiar o dilema social brasileiro. Em outras palavras, a violência parece não apenas predominar na vida cotidiana, especialmente em centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também prevalece na produção cultural de nossos dias. Portanto, acredito que o desenvolvimento do conceito de "dialética da marginalidade" pode ajudar a compreender o surgimento de uma produção cultural contemporânea centrada na violência. Vale, então, perguntar se a "dialética da malandragem" e a ordem relacional têm sido em parte substituídas pelo seu oposto, a "dialética da marginalidade" e a ordem conflitiva. Tal confronto simbólico tem profundas conseqüências, visto que o conflito aberto não pode mais ser escondido sob o disfarce do acordo carnavalizante (ROCHA, 2006, p. 37).

Da 'transição' do malandro para o marginal, a marginalidade revelaria uma nuance menos romantizada da figura daquele que sobrevive na sociedade rompendo com padrões e normas na figura do 'malandro boêmio'; mas que nessa condição periférica subsistiria por meio não somente da transgressão moral e ética, mas do conflito e da disruptura da estabilidade social por meio da violência. O marginal seria então tanto a figura que resiste à moral da sociedade burguesa, quanto às leis e a ordem cultural e social do estabelecido como norma violentando a estrutura tradicional.

Podemos pensar a marginalidade então como uma forma de resistência da personagem que não

[3] Segundo Rocha (2006), em 1970 Antônio Candido publicou um de seus mais importantes ensaios, "A dialética da malandragem". Nele, Candido propôs uma interpretação inovadora da formação social brasileira através de uma leitura original do romance Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida. De acordo com Candido, a formação social brasileira teve como base um comércio de mão dupla entre os polos da ordem e da desordem. Tal negociação era levada a cabo principalmente pela figura socialmente plástica do malandro – homem de muitas faces e discursos, cujo gingado compete com sua habilidade em tirar vantagem nas mais diversas, e adversas, situações (2006, p.33).

adere à vida moderna, permanecendo à margem da sociedade - um prisma de uma representação de uma identidade, ao mesmo tempo que revela a marginalidade como resultado do processo de exclusão do ponto de vista social e econômico quanto social e configura um recorte de pesquisa que vai olhar para o pobre na literatura. Na coletânea organizada por Roberto Schwarz – *Os pobres na literatura brasileira* (1983), ele vai dizer que a galeria de personagens pobres, vivendo em condições degradantes, é muito vasta e compõe um painel diverso de tipos humanos produzidos pela desigualdade social brasileira. A obra apresenta um panorama de como se representa a pobreza nas letras brasileiras a partir de ensaios de diversos críticos, entre eles Jesus Antonio Durigan que irá discutir a questão da marginalidade na obra de João Antônio no ensaio intitulado "*João Antônio e a ciranda da malandragem*", discussão que vamos retomar mais à frente.

Para pensar a questão da marginalidade associada à literatura podemos situá-la tanto do ponto de vista da contraposição à literatura canônica, quanto da posição em que os autores vão produzir suas obras, mas também a questão da linguagem e dos personagens e cenários que irão aparecer nas obras literárias. Desse modo, a atribuição do termo marginal em alguns momentos da história recente da literatura vai desde o caso da obra de Carolina de Jesus e João Antônio (a partir da década de 1960), Lima Barreto (início do século XX), como também da poesia marginal ou geração do mimeógrafo (década de 1970) chegando as primeiras décadas do século XXI com a chamada Literatura Marginal de autores da periferia.

Na história recente da produção literária e cultural brasileira, o termo marginal adquiriu uma marca que consagra, sobretudo, o lugar de fala do escritor e o tipo de laço que sua obra estabelece com a comunidade. A Literatura Marginal produzida por autores da periferia das grandes cidades brasileiras, sobretudo São Paulo, tem sido foco de atenção da da crítica especializada. Em estudos recentes, a marginalidade retorna com força através dos escritores da periferia dos grandes centros urbanos cuja produção e atuação cultural trabalham aspectos inumanos e marginalizados da realidade social brasileira (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 98). Para Mei Hua Soares, "os textos e obras que abordam o universo da criminalidade, da violência, o submundo das drogas e da miséria urbana, cujos autores são oriundos ou representam as periferias, podem ser contemplados no interior desses critérios de marginalidade literária" (SOARES, 2008, p. 85).

Ao nos deslocarmos historicamente ao período da década de 1970 o sentido marginal tinha uma outra percepção. Na época vislumbra-se um movimento contrário às formas comerciais de produção e circulação da literatura, com isso surgem obras produzidas artesanalmente, dando lugar à proliferação de "livrinhos" distribuídos diretamente pelo autor em bares, portas de museus, teatros e cinemas (HOLLANDA, 2004, p. 108). Segundo Heloísa Buarque de Hollanda:

> A recusa das "formas sérias do conhecimento" passa a configurar um traço importante e crítico

> de uma experiência de descrença em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude anti-intelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo (HOLLANDA, 2004, p. 111-112).

Nessa breve perspectiva que esboçamos é possível compreender então a marginalidade como uma manifestação que compõem o campo da identidade brasileira da perspectiva dos excluídos e de vozes que tentam marcar sua existência pela resistência ao sistema que o aprisiona, o relega à margem social, econômica da sociedade. Do mesmo modo essa noção atravessa a literatura brasileira contemporânea e dá a tônica da escrita joãoantoniana e de seus personagens que aparecem em seu contos esboçando uma crítica social ao mesmo tempo em que se colocam como protagonistas do projeto estético e literário do escritor paulista.

3 VOZES MARGINAIS EM JOÃO ANTÔNIO

A obra de João Antônio tem como maior característica a problematização de aspectos relativos à marginalidade em vários sentidos e níveis, descarnando a realidade das ruas, das periferias onde habitam os esquecidos, silenciados. Antônio Cândido (1982) vai afirmar que João Antônio nos dá um banho de humanidade por meio de seus contos que exploram quase sempre o submundo, o outro lado que pagamos para não ver.

Considerado pela crítica como o escritor do submundo, ele afirmará que a marginalidade teria que ser questionada a partir de um quadro de referências que considerasse os esquecidos. "Os meus temas, a minha linguagem, as minhas histórias se lastreiam no seio dessa massa de esquecidos, espezinhados e feios" (FREITAS FILHO, 1980, p.60). O escritor marcou época com sua posição intelectual de força na literatura e cultura, dando abertura para um rótulo que depois recusaria – escritor marginal.

> [...] uma literatura de pau, uma literatura fedida, fedendo a povo e não cheirando a gabinete, falando de miserê, desemprego, mendicância, de repressão, de feijão e de carne, de mínimos amantes, de cadeia, homossexualismo e mazelas do futebol, de Zona Franca sem nenhuma grandeza ou glória – uma mexida em algumas partes dos intestinos das gentes que estão mais por baixo. Isso aí. (ANTÔNIO, 1977).

João Antônio ambienta suas narrativas no espaço das periferias de grandes cidades, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro, de modo que suas personagens, na quase totalidade, representam indivíduos que estão à margem do processo social, portanto excluídos dos possíveis benefícios advindos do progresso econômico[4], vivendo através de ocupações e expedientes ilegais como

[4] O período da História do Brasil entre os anos de 1969 e 1973 foi marcado por forte crescimento da economia. Nesta época o Brasil era uma Ditadura Militar, governado pelo general Médici. O termo "milagre" está relacionado com este rápido e

jogo, furto, prostituição, tráfico e outras práticas que caracterizam a marginalidade. O contexto histórico em que João Antônio escreveria será o da Ditadura Militar que 'vendia' em seu discurso o chamado 'milagre econômico', que não alcançou toda sociedade brasileira. Durigan (1983) afirma que desde o livro de estreia *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) até o último, *Dedo Duro* (1982), a ficção de João Antônio desenvolve simultaneamente um duplo movimento. Na relação texto/contexto exterior, vem observando, as transformações econômicas, políticas e sociais vinculadas aos acontecimentos que antecederam, culminaram e sucederam ao Golpe Militar de 1964. "Todos com o grande e nobre objetivo de 'salvar' o Brasil, através de sua verdadeira inserção na 'ordem' capitalista e combate às 'desordens' de qualquer espécie, principalmente política" (DURIGAN, 1983, p.215). João Antônio posiciona o problema nos seguintes termos:

> Quem realmente não é marginal num país em que 2/3 da população estão marginalizados, em que a força de trabalho foi marginalizada e em que as verdadeiras reformas – urbanas e rurais – que desmarginalizariam essa população vem sendo cinicamente proteladas, adiadas ou ferozmente evitadas e omitidas? (FREITAS FILHO, 1980, p. 58).

Seus personagens viriam então para caracterizar a marginalidade no contexto sócio econômico brasileiro, nesse duplo movimento de escrita que transgride os padrões estéticos trazendo elementos como gírias e palavrões para dentro da escrita literária, abrindo caminho para personagens em um entre-lugar que se posiciona à margem da sociedade; ao mesmo tempo que sua obra traduz uma profunda crítica social e política, situando-se a partir de uma ética de escrita engajada por retratar 'um lugar e pessoas que vivem na sombra da exclusão, ignorados por uma sociedade que não quer enxergá-los.

Na sua estreia na ficção com *Malagueta, Perus e Bacanaço (*1963) o autor conquista o prêmio de Revelação de Autor e Melhor Livro de Contos. Após a consagração literária o escritor ascendeu no jornalismo ocupando posições em veículos consagrados na época como Jornal do Brasil e Revista Realidade. Depois de alguns anos produzindo algumas reportagens da melhor qualidade ele retorna à literatura e lança seu segundo livro *Leão de Chácara (1975),* objeto de nosso estudo. Nesta obra ele reúne quatro histórias: Leão de Chácara, Três cunhadas-Natal de 1960 e Joãozinho da Babilônia. Retomando a temática explorada em seu primeiro livro, ele novamente traz à tona personagens que vivem à margem da ordem social, um submundo com tipos marginais que ganham espaço e visibilidade em sua literatura.

João Antônio põe em cena uma extensa galeria de personagens composta por indivíduos em geral marginalizados da sociedade que transitam pelo universo da malandragem e se espelham por bares, sinucas, bocas de fumo, na periferia pobre da classe trabalhadora e dos desempregados. A escolha dos

excepcional crescimento econômico pelo qual passou o Brasil neste período. Este crescimento foi alavancado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo) implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco.

seus personagens tem uma forte influência que sofreu de Lima Barreto, mas também é reflexo de suas amizades com malandros, jogadores e prostitutas, pois ele nasceu no subúrbio de Presidente Altino em Osasco, seu pai era imigrante português, caminhoneiro e proprietário de botequim, sua mãe dona de casa, mulata, e de poucos estudos. João Antônio teve contato desde cedo com o universo da boêmia, dos sinuqueiros, punguistas e prostitutas e acabou se tornando uma espécie de porta-voz do malandro, isto é, do morador da periferia, sobretudo pelo fato de que ele era, inicialmente parte integrante daquilo que escrevia.

Do malandro ao marginal os personagens de João Antônio transitam entre dois lados de uma mesma margem. Nos dois contos *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Paulinho Perna Torta* o movimento dos personagens é em busca de uma forma de sobrevivência em face de uma sociedade que os excluí. A marginalidade está, pois, intimamente ligada ao universo da malandragem, de modo que a vida é ao mesmo tempo a escola que ensina aos marginalizados a arte de sobreviver à exclusão social. Nesse sentido nosso estudo aponta na direção de que o sentido marginal da primeira obra para segunda vai transitar primeiramente do marginal/malandro para marginal/bandido. Ou seja, o movimento de leitura de uma obra para outra nos permite ver uma transição, um deslocamento de sentido que sai de lirismo quase que ingênuo para a dureza da transformação do malandro em bandido.

Em *Malagueta, Perus e Bacanaço* o conto que dá título ao livro narra a andança de três, no dizer de João Antônio, "merdunchos", aspirantes e veteranos da malandragem, da Lapa, passando por vários bairros em busca de mesas de sinuca onde o objetivo é armar trapaças e ganhar dinheiro nas rodas de sinuca. Os três protagonistas pertencem ao mundo da marginalidade, entretanto diferenciam-se por alguns aspectos que demonstram a posição de cada um no grupo. A 'identidade' de cada personagem é marcada por traços da experiência da marginalidade. Não se sabe seus nomes de batismo e registro civil, eles são "rebatizados" segundo os códigos do universo marginal de que fazem parte.

A identidade dos três personagens é constituída por elementos próprios ao seu universo de origem e significações. Malagueta é assim denominado pelo hábito de mastigar pimenta malagueta enquanto beberica doses de cachaça. O engraxate Perus carrega o nome da região da região de origem, onde morava com uma tia, donde lhe veio o apelido. Já Bacanaço parece estabelecer uma relação de significação com o vocábulo bacana, que ganha uma certa dose de ironia no mundo da malandragem e se transmuta em 'Bacanaço'. Na definição do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa: palavra bacana qualifica pessoas com atributos positivos, tais como: afável, interessante, inspira simpatia; assim como indivíduo rico, abastado, que mora nas áreas nobres das cidades, de hábitos requintados, pertencente às classes altas da sociedade"; "grã-fino". O malandro Bacanaço dentro do universo da marginalidade será o 'burguês da periferia', aquele que ocupa uma posição hierárquica superior em relação aos outros. No universo da malandragem, ele tem 'pinta de bacana'; anda bem vestido, desenvolto no andar o no falar.

"Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada" (ANTÔNIO, 1963, p.17). Na descrição do narrador é possível perceber que Bacanaço estava no topo da hierarquia da malandragem:

> Vestido de branco, com macio rebolado, Bacanaço se chegou: - Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou a passeio? O menino Perus encolheu-se no blusão de couro, os dedos de Bacanaço indo, vindo, atiçando. Desafiavam. Está a jogo ou a passeio? Calado". O anelão luzia no dedo do outro e o apequenava, largava-o de olhos baixos, desenxabido. O menino Perus chutou para longe uma ponta de cigarro, arriou no banco lateral. Três dedos enfiaram-se nos cabelos. Que nada! To quebrado meu – os dedos voltaram-se a descansar nos joelhos (ANTÔNIO, 1963, p. 13).

No universo da marginalidade há diferenças de posição entre os indivíduos, que se distinguem por uma hierarquia estabelecida. A diferença entre os três protagonistas é bem marcada: o menino Perus, embora conhecendo bem as "normas" que regem a vida dos malandros, por ser o mais jovem aceita sua posição de "aprendiz" e sabe que deve obedecer aos mais experientes grupo, daí sua obediência e a admiração por Bacanaço, que atua ao mesmo tempo como mestre e "protetor". Bacanaço representa o malandro experiente, respeitado no universo da malandragem pela habilidade nas trapaças e 'amizade' com policiais corruptos. Na visão do personagem Perus, a figura de Bacanaço ganha status:

> O menino Perus também sabia. Mas era um menino diante de Bacanaço e por isso ouvia quieto, só meneando a cabeça de acordo com tudo. Para final – Bacanaço era taco melhor, jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres. Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada. De mais a mais, Bacanaço tinha negócio com os mascates, aqueles que vendiam quinquilharias e penduricalhos nas beiradas da Lapa-de-Baixo, e era um considerado dos homens do mercado. Malandro fino, vadio de muita linha, tinha a consideração dos policiais. Andar com Bacanaço, segui-lo, ouvi-lo, servi-lo, fazer parceria, era negócio bom (ANTÔNIO, 1963, p. 17).

Já Malagueta, embora seja o mais velho e experiente não tem o prestígio necessário para liderar o grupo, pois a idade e os revezes da vida (cadeia, pequenos furtos, embriaguez etc.) o descredenciam. Enquanto que Bacanaço reúne qualidades para liderar um grupo de malandros: anda bem vestido, usa adereços e joias de padrão classe média (ou imitação), tem habilidade no discurso e em certas situações é capaz de se entender com autoridades, sobretudo policiais, e por isso assume o comando do trio, tornando-se o "patrão" e com o direito de ficar com maior fatia no bolo das conquistas. "Três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão" (1963, p.35).

No enredo os personagens imaginam trapaças para ganhar dinheiro e aplacar a miséria: o aprendiz Perus se junta ao malandro Bacanaço, e em seguida o velho Malagueta experiente, com muitos anos de malandragem e muitas noites de sarjeta e cadeia, se junta aos dois.

> Capiongo e meio nú, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas

> tiras escuras de pano [...] Malagueta os olhava. Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófias. Perus no acompanhamento feito um dois-de-paus. "É, pensou, quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto já estava de volta com o bagulho empacotado". E soltou pra si um risinho canalha com que os malandros entendem, reconhecem (ANTÔNIO, 1963, p. 21-22).

A figura de Malagueta expressa a precariedade da situação dos que vivem na marginalidade. Mestre de trapaças e picardias, como os outros dois malandros, Malagueta encontrava-se faminto e sem dinheiro para saciar a fome. "Maré de azar danado, nem quisessem saber. Comer? Surrupiando uma maçã duma prateleira do mercado, quase pilharam com a mão na coisa" (1963, p.23). Com sua chegada completa-se o trio dos sem eira nem beira, todos "quebradinhos", como nos diz o narrador, com necessidade e habilidades para armar trapaças tomar dinheiro de "otários" nas rodas de sinuca. Movidos pelo mesmo propósito saem a vagar pelos bares e muquinfos dos diversos bairros da cidade de São Paulo: Lapa, Água Branca, Cidade, Pinheiros. Com a consciência de serem desgraçados, unem-se para aplacar a miséria, e começam imaginar façanhas:

> Estavam os três quebrados, quebradinhos. Mas imaginavam marotagens, conluios, façanhas, brigas, fugas, prisões - relatos no jornal e todo o resto -, safadezas, tramóias; arregos, bem arrumados com cagüetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; patrões caros aos quais fariam marmelo, traição; imaginavam jogos longínquos, lá pelos longes dos subúrbios, naquelas bocas do inferno nem sabidas pela polícia; principalmente imaginavam jogos caros, parceirinhos fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. (ANTÔNIO, 1963, p. 24).

A sobrevivência dos três malandros é à custa da ginga, do drible na miséria por meio da trapaça com o destino, com a pobreza. Eles sabem que no mundo da marginalidade a sobrevivência depende da astúcia para vencer as batalhas diárias e que as vitórias são efêmeras e provisórias. Sitiados, os personagens percebem que suas vidas giram em um mesmo patamar, e que o único meio de superar vencer a miséria é estabelecerem uma "sociedade" e partirem para aventuras nas "bocas do inferno", assim denominados pelo narrador os botecos e muquinfos em que se joga sinuca. Entre joguinhos e trapaças a voz do narrador-observador vai acentuar a posição de marginalidade em que os malandros se encontram, despertando-lhes o sentimento da exclusão e consciência de que são apenas três vagabundos que vivem alheios a uma outra realidade que lhe passa diante dos olhos:

> Com suas ruas limpas e iluminadas e carros de preço e namorados namorando-se, roupas todo dia domingueiras- aquela gente bem dormida, bem vestida e tranquila dos lados bons das residências da Água Branca [...] Aqueles viviam. Malagueta, Perus e Bacanaço, ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucavam, os tocavam dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, viradores, sem eira, nem beira. Sofredores. Se gramassem atrás do dinheiro, indo e vindo e rebolando, se enfrentassem o fogo do joguinho, se evoluíssem malandragens, se encarassem a policia e a abastecessem se se atilassem, teriam o de comer e o de vestir no dia seguinte; se dessem azar, se tropicassem nas variações, ninguém lhes daria a mínima colher de chá – curtissem sono e fome

> e cadeia. (ANTÔNIO, 1963, p. 37).

O narrador assume a perspectiva dos excluídos, daqueles que se vem à margem e precisam sobreviver à custa de pequenos golpes e por isso criam uma lógica e uma ética que valida seus atos pela lei da sobrevivência, legitimando suas atitudes contraventoras e fora da ordem da sociedade. O narrador de João Antônio é visceralmente ligado ao submundo e conhece por dentro a vida marginal, daí exprimir sempre o ponto de vista dos despossuídos. No trecho a seguir é o narrador que expõe o pensamento dos personagens:

> Aqueles tinham a vida ganha. E seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... depender da graça do povo na rua passando [...] não suariam os joguinhos nas bocas do inferno, nem precisariam cafetinar se unindo a prostitutas que os cuidassem e lhes dessem algum dinheiro. Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar (ANTÔNIO, 1963, p. 38).

Nesse trecho em especial é possível perceber o amargo sentimento de quem não pertence e não consegue se inserir em uma sociedade que os ignora, não os enxerga. Os personagens Malagueta, Perus e Bacanaço são esses seres ambulantes que revelam a condição de desenraizamento social, de quebra das convenções e incapacidade de adaptação a um padrão consolidado de vida como afirma Zilberman (1986) e que Quijano vai contextualizar como "marginalidade urbana", fruto de um processo de exclusão e desterritorialização da identidade, no qual os sujeitos pobres são silenciados, invisibilizados.

A narrativa se desenvolve e uma das paradas do itinerário do trio é Barra Funda, onde os personagens vão se deparar com o policial corrupto Silverinha, que aproveita a condição de policial para extorquir os malandros nas salas de bilhar. Como atividade paralela às suas funções na polícia, cobrava uma taxa equivalente aos impostos nos salões de jogo, que os malandros (jogadores) tinham que pagar, sob chantagens e humilhações, como único meio de garantir sua permanência no jogo e evitar a cadeia. No episódio onde se coloca frente a frente a malandragem com ordem estabelecida o trio sai perdendo, para a malandragem da 'ordem' que os mantém no submundo, submissos à ordem em que chora menos quem pode mais. A extorsão praticada por Silveirinha lhes joga na vala da vulnerabilidade, lhes coloca diante da sua própria condição precária de sobrevivência, na qual eles têm que se submeter a chantagem para não 'descer ainda mais no poço', que para a malandragem seria o xadrez – a prisão. O personagem do 'tira' corrupto os rebaixa ainda mais na escala social, levando a "uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, a moral abaixo de zero". O que resta a eles senão seguir "sem reclamações", porque tinham consciência de que nada podiam: "Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam". Na condição de marginais e dominados pelo sistema de opressão da sociedade não tem direitos nem a revolta, são desvalidos e assim devem seguir na luta pela sobrevivência numa disputa desleal, mas que provoca no

leitor um sentimento de compadecimento aos personagens que se colocam como heróis da sobrevivivência, no universo da malandragem.

Passando nossa análise para o conto Paulinho Perna Torta publicado na obra *Leão-de-chacará* (1973), o crítico Antonio Hohlfeldt (1981) destaca que existe uma aguda diferença entre a primeira obra publicada por João Antônio, *Malaguetas* e *Leão-de-chácara.* Para ele, o que separa as obras não são apenas treze anos: "Enquanto o primeiro é uma narrativa até certo ponto lírica e heróica, simpática de personagens marginalizados, o segundo é um documento mais contundente, mais objetivo, talvez menos literário, mas mais sociológico, mais concreto. Menos poético e mais documentário" (HOHLFELDT, 1981, p.196).

A obra é composta por quatro narrativas Leão-de-chacará, Três Cunhadas, Joãozinho da Babilônia e Paulinho Perna Torta, este último é o único que trata do malandro propriamente dito e se aproxima da figura do marginal como bandido. A epígrafe do conto, de autoria de Noel Rosa, dá o tom amargo que o narrador irá narrar a história de Paulinho: "Um valente muito sério,/ Professor dos desacatos/ Que ensinava aos pacatos/ O rumo do cemitério". Na narrativa é possível visualizar a metamorfose do menino malandro a bandido.

A estrutura do conto é dividido em sub-capítulos: moleque de rua, zona, de 53 pra cá. As três partes demarcam as transformações do moleque de rua que engraxava sapatos e morava na rua. O narrador valoriza a linguagem da rua e situa o personagem no espaço urbano. "às vezes cobiçava os pisantes dos fregueses; então apurava mais brilho [...] humilde, meio encolhido, eu recolhia a groja magra" (ANTÔNIO, 1975, p.62). Como se fosse um diário de lembranças, o personagem vai recordando seus tempos na rua em que "qualquer bagulho é esperança de grana, quando sofredor tem a fome" (p.62). A personagem diante das dificuldades diárias, sente-se como um bicho, ocorrendo uma zoomorfização: "A gente nas ruas parecia cachorro enfiando a fuça atrás de comida" (p.62). Na luta pela sobrevivência nas ruas, Paulinho era explorado como outros meninos engraxates. "A Júlio Prestes dava movimento e éramos explorados por um só. O jornaleiro. Dono da banca dos jornais e das caixas de engraxar, do lugar e do dinheiro, ele só agarrava o dinheiro" (p.63). De menino explorado na rua por gente mais esperta e graúda, a saga do engraxate vai aos poucos caminhando em direção à marginalidade. O narrador-personagem vai dizer: "malandrei e levei porrada, corri da polícia, mudei não sei quantas vezes, dei sorte, dei azar, sei lá, fucei e remexi" (p.68).

O marco divisor da vida de menino de rua para a marginalidade vem no encontro com o malandro Laércio Arrudão. O narrador personagem vai dizer que antes de conhecer aquele que o iniciaria nas picardias, era "uma criança que não conhecia o resto do balangolé – cadeia, maconha, furto, jogo, mulher" (p. 69), rito de passagem obrigatório para o verdadeiro malandro. A segunda parte do conto intitulado Zona, é a Boca do Arrudão que se tornará a casa de Paulinho e o lugar onde ele passará pelo processo de

metamorfose.

> Ali, naquele muquinfo escuro, onde minha vida virou e a que os vadios das curriolas, os trouxas das ruas, os tiras das rondas, as minas, as cafetinas, os invertidos, as empregadas da zona e os malandros encostavam o umbigo no balcão pedindo coisas, balangando seus corpos e queimando o pé nas bebidas . E cujo nome, de muito peso e força, era repetido de boca cheia na fala da malandragem. Boca do Arrudão. Pela primeira vez eu morava em algum lugar (ANTÔNIO, 1975, p.71).

Essa é uma passagem emblemática dentro que demarca temporalmente na narrativa 'a virada' na vida do engraxate Paulinho, que será iniciado no mundo da 'malandragem profissional' e o aproxima do universo da criminalidade. O menino de rua que usava da malandragem pra sobreviver na rua vai gradativamente se transformando em bandido. A inocência do menino de rua que olhava deslumbrado para cidade em movimento dá lugar ao malandro que vai explorar a prostituta Ivete e reafirmar o esteriótipo do malandro que bate em mulher. É nessa levada também foi o Arrudão que o 'ensinou'. "Você vai deixar de ser um pivete frouxo. Vou te levantar a crista pra você Dar uma ripada nessa gringa" (p.78). Que também o ensinou que "a mulher lava os pés do seu homem e enxuga com os cabelos". O malandro Paulinho vai reproduzir os comportamentos e os códigos do seu mundo e logo ele começa a ganhar fama e ganha seu nome de guerra -Paulinho duma Perna Torta, seu reconhecimento como um marginal perigoso, por parte da imprensa, de modo que se torna respeitado perante a roda da malandragem:

> "Aos vinte anos, a crônica policial já me adula. 'perigoso meliante'. Trouxas... Volta e meia, dão o meu retrato e minúcias. Um desses tontos dos jornais me comparou, dia desses, a um galã do cinema italiano... Paulinho duma Perna Torta é respeitado, quase de igual para igual, pelos três maiores cobras da malandragem baixa de São Paulo- Bola Preta, Diabo Loiro e Marrom" (ANTÔNIO, 1975, p. 89).

Na terceira parte do conto intitulada *De 53 para cá* o malandro vai para a escola da malandragem e o próprio personagem-narrador testemunha de que "um malandro fica malandro dos malandros". Paulinho saiu pronta da cadeia para migrar da condição de malandro à bandido. Isso se mostra no 'seu ganha pão'. De cafetão, agenciador de prostitutas, as ruas não o seduzem mais como os malandros de *Malaguetas, Perus e Bacanaço*. Ele passa a traficante de drogas e escancara a violência fruto da exclusão social. A escolha não é mais as ruas dos tempos do menino engraxate. A escolha é a marginalidade no seu caminho para a bandidagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens de João Antônio vão configurar essa metamorfose própria da modernidade que diluiu

identidades e asseverou desigualdades sociais nos grandes centros urbanos. O período que o autor escreveu as obras foi marcado no Brasil pelo aprofundamento das desigualdades, do crescimento das favelas e periferias nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Sua obra então não deixa de ser um grito de socorro dessas vozes que são espezinhadas e esquecidas pelo Estado e que suas leis e ordem não alcançam.

Da primeira obra de João Antônio lançada em 1963 para a segunda lançada em 1975 o malandro carregava um resquício de lirismo e/ou fascínio, de um herói que sobrevivia nas ruas com 'jeitinhos' e trapaças. Suas andanças traziam uma aura romantizada ao personagem, um herói (s) que sobrevivia como uma moral elástica e diversa da sociedade que o relegava à margem. Já no segundo livro a aura quase que 'inocente' se desfaz, por meio de um processo de desumanização. A aura do malandro sedutor que conquista simpatia vai se perdendo e nasce o marginal-bandido, sombra de uma sociedade que vaga, perambula pelas vielas do crime, do tráfico de drogas. A marginalidade ganha a marca da violência. O malandro vai se transformar no bandido. O processo de exclusão social desdobra-se não mais somente no desenraizamento social, mas numa terceira margem na qual se fundem o sujeito marginal à moral e à ordem social, mas também àquele que re-existe pela violência e transgressão ao *statuo quo*.

5 REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ANTÔNIO, João. A literatura que faz questão de ser suja. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 jul. 1977.

ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1976.

CANDIDO, Antônio. Um banho incrível de humanidade. In: ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982. Paratexto da obra (abas).

CANDIDO, Antônio. Na noite enxovalhada. *Remate de Males*, Campinas, 1999, n. 19, p. 83-88.

CANDIDO, Antônio. "A dialética da malandragem. (Caracterização das Memórias de um sargento de milícias)". Manuel Antonio de Almeida. Memórias de um sargento de milícias. *Edição crítica de Cecília Lara*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 611p.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURIGAN, Jesus Antonio. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres da literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREITAS FILHO, Armando; HOLLANDA, H. B. de; GONÇALVES, M. A. *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

GOMES, Duílio. O fenômeno João Antônio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 set. 1976. Caderno de Sábado. p. 2.

HARVEY, d. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18ed. São Paulo: Loyola, 2009. 349p.

HOLLANDA, Heloísa. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HOHLFELDT, Antonio. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf acessado em 15 de agosto de 2018.

PARK, Robert. A migração humana e o homem marginal. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.3, p. 114-123, novembro de 2017.

PEREIRA, Luiz (Org.). *Populações "marginais"*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

QUIJANO, Aníbal. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, Luiz (Org.). *Populações "marginais"*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

ROCHA, João César de Castro. *A guerra dos relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a dialética da marginalidade*. Letras, Santa Maria, n° 32, pp.24-70, jan-jun, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909/7330 acessado em 19 de agosto de 2018.

ROSA, Maria Eneida Matos da (FAMA) Tempos de repressão em "Paulinho Perna Torta", de João Antônio. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Volume 19, pp. 61-71. 2010. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa acessado em 19 de agosto de 2018.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marginalizada*. Porto: [s.n.], 1975.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marginalizada: novos ensaios*. Porto: [s.n.], 1980.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Literatura marginal. In: SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Os pobres da literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica e a escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TYNIANOV, Iuri. Da evolução literária. In: TOLEDO, Dionísio (org.). *Teoria da literatura: Formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. João Antônio: contos, com velhos heróis. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 30 de agosto. 1986.

Title
Marginal representations in João Antônio's writing: from rascal to marginal.

Abstract
The term marginal includes nuances of meanings that reverberated in social theories to explain the processes of marginalization and exclusion forged by capitalism in Latin America, as well as the notion also echoes in literary criticism. In this way, the notion of marginality is covered by entanglements that move the meaning through aesthetic, political and social dimensions. In a strictly artistic approach, marginal are the productions that break with norms and aesthetic paradigms, facing the literary canon. But it is possible to situate it in the slip of meaning that will refer to those classified as criminals and criminals, who live outside the law, excluded and marginalized socially, economically and culturally. The present study makes an excerpt within the work of São Paulo writer João Antônio, observing the theme of marginality that is shown through his characters marginal to society and literature, because João Antônio will narrate the history of the underworld, of the one who is invisible. The focus of this study privileges narratives by the short story writer who, between the 1960s and the 1980s, produced works in which the marginalized definitely enter the pages of our literature as true protagonists. To discuss the issue of marginality in João Antônio's work, we will analyze two short stories: "Malagueta, Perus and Bacanaço", which is part of the collection of the same name, the first book published by João Antônio in 1963, winner of several prizes, including the Jabuti ; and the short story "Paulinho Perna Torta", from the book Leão de Chácara (1975).

Keywords
Marginality; trickery; marginal literature; Joao Antonio.

Recebido em: 16/06/2020.
Aceito em: 26/08/2020.